

Credores ainda não rejeitaram proposta

Roberto Garcia

Correspondente

WASHINGTON — Banqueiros presentes à reunião do comitê de 14 bancos que representam os 600 credores do Brasil classificaram ontem como falsas informações segundo as quais eles tinham decidido rejeitar a proposta de reestruturação da dívida externa apresentada pelo governo Sarney na sexta-feira passada.

O porta-voz do comitê dos bancos, Richard Howe, esclareceu que embora o comitê tivesse feito reunião em Nova Iorque na quarta-feira, seus membros não fizeram qualquer votação nem decidiram tomar qualquer decisão conjunta sobre as linhas de curto prazo que mantêm para financiar o comércio e bancos brasileiros.

— Os jornais brasileiros que dão esse tipo de informação estão esquecendo que os credores externos do Brasil têm uma preocupação suprema em mente, que é conseguir uma normalização dos pagamentos por esse país. Atitudes radicais de nossa parte só poderão interromper as negociações que acabam de ser iniciadas, criar longos hiatos e impasses e demorar ainda mais uma solução negociada — disse um alto funcionário de um dos maiores bancos estrangeiros que financiam o Brasil.

Porta-vozes dos principais bancos credores americanos não escondem sua insatisfação diante da proposta brasileira, considerando que o governo Sarney está pedindo dinheiro demais, dispondo-se a pagar juros abaixo dos predominantes no mercado e sendo muito vago no prazo.

Por causa disso, estão inclinados a fazer contrapropostas que lhes pareçam mais razoáveis.

Isso não implicaria qualquer inclinação de romper o diálogo com o governo exatamente no momento em que ele foi iniciado, depois de sucessivos adiamentos.

Os bancos também chamam atenção para o fato de que as negociações levarão meses para produzir o esboço de um acordo satisfatório para os dois lados. “As negociações com o México, as Filipinas e a Argentina levaram meses inteiros, foram difíceis e cansativas mas produziram um acordo porque nós queremos receber nosso dinheiro e aqueles países desejavam manter suas relações com a comunidade financeira internacional”, disse um vice-presidente do Banker's.